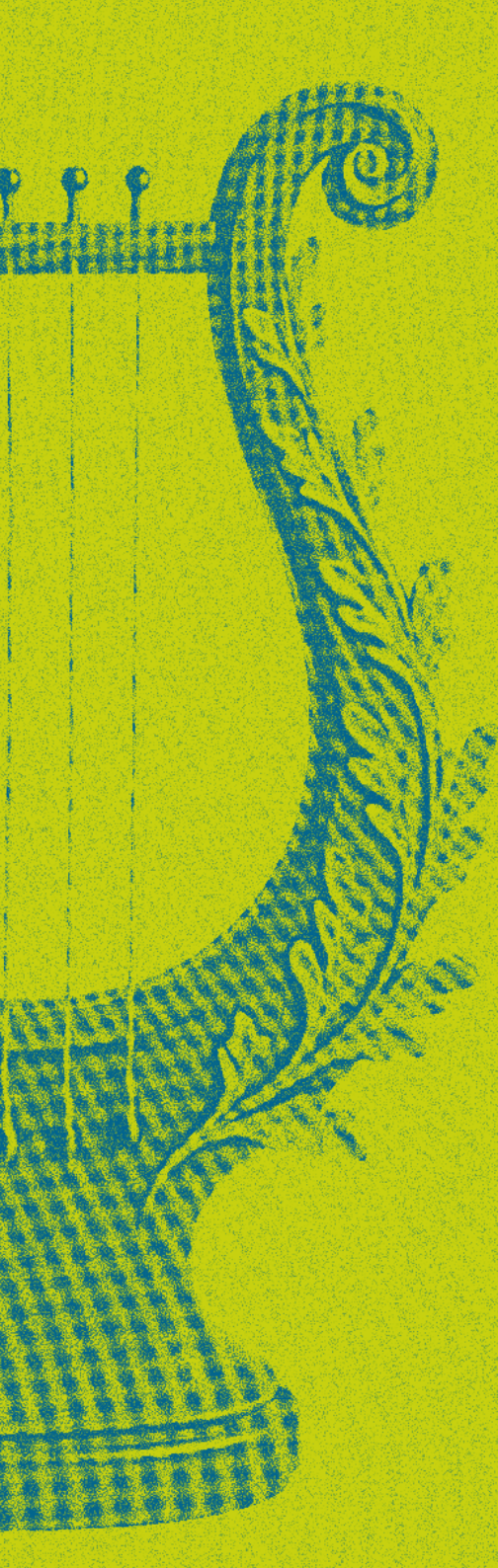




POEMAS E CRÔNICAS I

Organização
Deusa Silva
Jan Santos





poemas e crônicas

ORGANIZADORES:

Deusa Silva

Jan Santos

JOVEM ESCRITOR

poemas e crônicas

Fundação Matias Machline

Biblioteca Kuk Sang Song

Manaus-Am - 2025

© Copyright Biblioteca Kuk Sang Song, 2025

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada ou reproduzida, por quaisquer por quaisquer meios, sem o prévio consentimento do autor.

REVISÃO

Jan Santos

PROJETO GRÁFICO

Lícia Belém Fernandes Gonçalves

DESIGN DA CAPA

Italo de Barros Gonçalves

DIAGRAMAÇÃO

Italo de Barros Gonçalves

Ficha Catalográfica
Fundação Matias Machline
Biblioteca Kuk Sang Song
Beatriz Guerreiro – CRB11/1231

S586j Silva, Deusa (org.)
Jovem Escritor: poemas e crônicas / Organizadores Deusa
Silva, Jan Santos. – Manaus: FMM, 2025.
193p.; il. color.; 21cm

1. Poemas amazonenses. 2. Crônicas amazonenses. 3. Literatura amazonense. I. Título. II. Santos, Jan.

CDU: 821.134.3(811.3)-1+9

“Para fazer uma obra de arte não basta ter talento, não basta ter força, é preciso também viver um grande amor”.

Wolfgang Amadeus Mozart

Dedicamos:

a todos que se doaram aos traços do impossível no fazer
sonhar, escrever e viver intensamente a variedade das
formas da arte que o tempo não apaga.

Agradecemos:

a Deus

a Fundação Matias Machline

ao Sung Un Song

a todos que contribuíram e incentivaram

para arte de escrever.

Prefácio

Existe uma beleza naturalmente imposta na poética da escrita. As palavras nos permitem colocar em movimento sensações, opiniões e o que há dentro de nós, por mais ares ficcionais que tenha a narrativa. Esses esboços íntimos materializados relevam e carregam a preciosidade do ato de escrever.

O que me chama atenção neste volume é o desnudar da alma. Como a intensidade e a brutalidade que existem no âmago desses jovens escritores é desenhado de forma vivida em suas poesias, ao mesmo tempo em que os traços de doçura e de uma perspectiva juvenil sobre a vida, seus amores e perdas também tomam forma e oferecem uma profundidade pueril.

Mais do que isso, estamos na companhia de jovens escritores críticos perante uma arte milenar — seja aquela eternizada em quadros ou os labirintos que fluem de suas estruturas internas — e ainda assim não se intimidam ou inibem, pelo contrário isso os conduz a revelar-se e posicionar-se numa realidade cada vez mais cercada, quando não mascarada por chats e inteligências artificiais.

Este volume nos orienta ainda sobre uma literatura pouco apreciada na contemporaneidade: a poesia. Curioso, para mim, perceber o quanto ela está presente especialmente nas crônicas relatadas nessas páginas, uma vez que os pensamentos profundos, a sensibilidade

e a reflexão sobre o mundo predominam nos traços literários aqui presentes.

E, dessa forma, navegamos por conexões entre linguagens artísticas diferentes que se convergem para explorar subjetividade, estimular a imaginação e despertar o olhar para o belo ainda que seja dentro da visão crítica da sociedade.

O que há de mais impressionante, nesse conjunto, é a marca desses jovens poetas. Símbolo de suas percepções e argumentações pessoais, mas também a impressão característica de um coletivo que usou a arte para explorar as profundezas imagéticas e de seu próprio eu interior. O que encontramos transcritos nesses versos e crônicas é o que nos permite sonhar com a permanência inapta da poesia.

Te convido a apertar os cintos e embarcar nessa jornada junto comigo.

Pâmela Eurídice Beleza Baltazar

Jornalista e crítica de cinema

Autora do livro “Olhar Feminino: O Norte da Direção”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
Tomo I - O que o futuro te faz sentir?	21
Temor ao tudo	23
Como o futuro me faz sentir	27
O que eu penso sobre o futuro.....	29
Despersonalização	31
Querido vazio.....	33
Sonhos de uma noite de infância	35
Sementes do Temer	39
Lua.....	41
O futuro	43
Futuro	45
Quando o futuro se faz presente.....	47
Idade Média	49
Futuro?	51
Vida adulta	53
O relógio quebrado.....	55
Como o futuro me faz sentir	57
Os filhos nascerão brilhantes	59
Dor de ouvido.....	63
Susto do amanhã.....	65
Tomo II - O que os olhos veem o coração não sente?.....	67
O velho violonista	69
Ivan, o Terrível e seu Filho Ivan.....	73
Noite Estrelada Sobre o Ródano Azul	77
Tinha gosto de metal.....	81
Nublado	85
Isto não é um cachimbo.....	87
Autorretrato com a morte tocando violino.....	89
Le Suicidé.....	91
A Execução de Lady Jane Grey	93
Caçadores na neve	97

Monalisa	99
Praia de Valência à luz da manhã.....	103
Guernica	111
Aqueles olhos... ..	113
Tomo III - O que o acaso reservou?	115
Café	117
O sopro do vento.....	119
O que não sou.....	121
Um furo na casca	123
Chuva de luz	125
Noite.....	127
Uma luz na escuridão	129
Ah... Mar	133
Brinquedo.....	135
Um grito silencioso.....	137
Corpo de aço.....	139
Tomo IV - Que laços temos cultivado?	145
Laços	147
Para amar	149
Vazio.....	151
Moça do olhar caído	155
Sobre uma decepção.....	157
Verbete, relacionamento	159
A pele que me habita	161
Vicioso	163
O dia que contei uma história para o céu	165
Ao menos... o quê?	169
Relacionamentos.....	171
Laços de Víbora.....	173
Surpresa, meu amor.....	175
Relação entre estranhos	177
Sem medo.....	181
Passatempo.....	187
As coisas mudam.....	191

LISTA DE FIGURAS

O velho violinista cego (1904)	71
Ivan, o Terrível, e o Seu Filho Ivan (1883)	75
Noite Estrelada Sobre o Ródano (1888)	79
O beijo (1909)	83
Shot do anime Bleach	86
A traição das imagens (1929).....	88
Autorretrato com a morte tocando violino (1872).....	90
Le Suicidé (1881)	91
A Execução de Lady Jane Grey (1833)	96
Caçadores na Neve (1565).....	98
Monalisa (1506).....	102
Praia de Valência à luz da manhã.....	109
Guernica (1937)	112
O Anjo caído.....	114

APRESENTAÇÃO

Eu não me considero um poeta, nem de longe, tampouco um cronista. Então, foi com receio que assumi o desafio de orientar, para o segundo volume de textos do projeto Jovem Escritor, a escrita de poemas e crônicas. Os estudantes, por outro lado, não tiveram grandes dificuldades em escrevê-los com proeza.

É curioso como sempre acabamos por subestimar a juventude, e durante um trimestre, vi a inundação de propostas de textos, experimentos poéticos, esboços de sentimentos inflamados em minha mesa, esperando ansiosamente por orientação que mal precisavam.

Depois disso, cheguei à conclusão de que todo jovem é um pouco poeta, pois tanto o jovem quanto o poeta partilham da necessidade violenta de sentir, e sentem com violência. Bradam no peito uma força perigosa que, se mal direcionada, torna-se destrutiva. Foi aí que percebi qual era meu papel nessa fase do projeto: eu não deveria ensinar um padre a rezar a missa, só precisaria mostrar o caminho da igreja.

O resto, eles resolveram muito bem, pois sentem, e o que poderia ser catastrófico se tornou uma rica coletânea

de amores, de receios, de temores, de ansiedades e insatisfações que por vezes explodem na página. Este segundo volume foi dividido em quatro Tomos, com base em exercícios quinzenais que estabelecemos ao longo do processo, todos com o objetivo de provocá-los de maneira quase inquisitiva.

O primeiro Tomo, “O que o futuro te faz sentir?”, fez com que refletissem sobre suas ansiedades e inseguranças, tópicos sensíveis com os quais qualquer leitor pode se identificar. Em seguida, “O que os olhos veem, o coração não sente?” lhes propôs um desafio: produzir textos inspirados em pinturas renomadas que lhes interessasse, a fim de que construíssem pontes entre linguagens artísticas. “O que o acaso reservou?”, terceiro Tomo, foi realizado a partir de um sorteio de palavras simbólicas que serviram de motivação para a criação poética, como “Lua”, “Corpo”, “Vazio” e outras armadilhas. Por fim, pedi que pensassem sobre “Que laços temos cultivado?”, um exercício de reflexão ao fim do ano de 2024 sobre que tipos de amizade, romances e relações familiares atravessavam suas vidas naquele momento.

Ao fim dessa jornada de quatro capítulos, nossos jovens escritores aprenderam uma lição indispensável a toda pessoa que escreve: escrever é mexer com funduras, como disse

Caio Fernando Abreu, e só os deuses sabem o que mora nas profundezas de uma alma em desenvolvimento.

O que você tem em mãos é a prova da coragem de jovens que decidiram explorar essas profundezas e mostrar o que lá encontraram.

Teríamos nós a mesma coragem ao lê-los?

Jan Santos

Coordenador do projeto Jovem Escritor. Autor de “Rudá - o filho da terra e das estrelas” (2023) e “O livro do rio - Iguaraguá” (2021)

Tomo I

O que o futuro te faz sentir?

Temor ao tudo

G. Fontes

Na lástima do dia perdido,
De um dia não bem-sucedido,
resta chorar por tudo e temer o ‘serei’.
Ao fim do começo e ao início do fim,
muitos dão graças,
Milhares sentem penares.
Tal medo é influenciado pela rotina do observar
e comparar.
Observar os pertencentes, comparar-se a eles.
Pertencentes do mundo são o que devem ser.
É doloroso ser o que não devia
e sentir que tem que pertencer
Mesmo que custe sua vida e sua alma
Não sendo-lhe concedida a liberdade
Menos ainda a felicidade.
A ansiedade e a incerteza
sendo amigas

Juntam-se e tornam-se suas inimigas
Pois não se sabe se viverá ou sobreviverá
Se poderá sair e passear,
Com a certeza de que não morrerá.
Ainda há no seu âmago a esperança de um futuro digno
Esbanjar de luxos e confortos,
da capacidade de poder demonstrar o seu valor.
Não há motivos para ser tratado como é,
não mata nem rouba
Pelo contrário,
ama e ajuda, não só a quem se importa,
Mas demonstra ser humano até aos que não são.
Ser o que é não te muda,
Mas os pouco que te amam,
Ainda o fazem, pois não te conhecem
Se importam, pois tu não demonstras teu real.
Ao fim de tudo, ainda estarão lá, para ti, para estar?
A resposta é: não.
Se questionar se tens o que tem por merecer,
E se terá quando não merecer mais,

Se terá mais, se terá menos
Se é que terá algo ou alguém
Talvez o fim lhe reserve a rua,
Os prostíbulos e os fetiches,
Talvez não queiram sua mente,
mas sim seu corpo, já que este parece prestar
mais do que o outro.
Suas mãos estão vazias e sempre estarão,
A cada roupa que não gosta, mas usa
Sente a falta,
Falta de um acessório proibido para ti
Pois não merece nem agora, quem dirá no futuro.
Não terá dinheiro para tê-lo,
Nem quem queira dar-te.
Este vazio se estende ao peito,
E se prolonga ao fim da vida.
Jamais será preenchido,
Jamais compreendido.
Tu se esforças para provar que vale a pena ter-te,
Mas não te enxergam nem te querem.

Um dia ainda hão de querer?

A resposta se repete: não.

De todos seus questionamentos,

esse é o único ponto final,

Uma palavra de três letras,

mas não a boa, e sim a ruim.

Pois aquele homem que tu te espelhas,

que tu almeja ser, jamais será como tal.

Como o futuro me faz sentir

Isaque Lima

O futuro me faz sentir que todos os meus esforços presentes valerão a pena. Pode soar meio egoísta, mas não me importo profundamente com o que vai acontecer com a humanidade em geral, contanto que aqueles próximos a mim tenham e estejam tomando boas decisões e se aproximando de Cristo, não há o que temer. Todavia, analisando mais objetivamente, o futuro é interessante, o desenrolar de coisas aparentemente minúsculas que resultam em coisas inimagináveis é curioso de se pensar. Por exemplo: se eu simplesmente decidisse largar a escola, o que aconteceria? No que isso acarretaria? A minha desistência iria afetar amigos próximos e teria o risco disso afetar na decisão deles de permanecer ou não nela, desperdiçando essa oportunidade única? E o que mais me intriga nesse futuro trata-se da política internacional e, principalmente, a nacional, pois nosso país literalmente elegeu alguém já condenado pelo maior esquema de corrupção, e embora tenha realmente feito o país crescer durante seus anos anteriores de governo, quando analisado melhor é possível perceber que ele só se deu bem por meio do *boom* das *commodities*, e quando comparado a outros países em condições semelhantes, o Brasil teve o menor crescimento, mesmo tendo começado dum nível “menor”.

Portanto, o futuro é algo interessante para se pensar, mas apenas como forma de adaptar seus planos conforme as possibilidades mais prováveis, e em certos momentos,

é necessária fé, principalmente num momento de “transição”, quando você está indo mudar, de emprego, moradia etc... você não sabe se vai morrer a qualquer momento, mas acredita que seus planos serão realizados, mesmo não tendo certeza, e é exatamente isso que faz a vida ser boa, o fim, a morte.

O que eu penso sobre o futuro

Adriano

A vida é como um riacho estreito e desordenado, e o futuro é onde os nossos olhos não veem e o nosso coração não sente. Podemos falar, opinar, teorizar ou tentar prever o que está por vir, mas esse futuro o qual tantos buscam saber é abstrato. Não podemos ter a certeza do que vem pela frente e, como bailarinas, dançamos em direção ao desconhecido, esperando pelo fim do espetáculo em busca de saber o que acontece quando as cortinas se fecham.

Despersonalização

Ana Alexandra

Ela se encontra deitada na cama de bruços, com a cabeça apoiada em um amontoado de lençóis. Seus olhos estão fechados, mas sua mente está aberta. Seu estado é vegetativo, não consegue se mover, nem falar, não sabe o que há com ela, nem o porquê está assim. Sua mãe diz do lado de fora do quarto que o almoço está pronto, para ela ir comer, mas não consegue mover um dedo sequer. O que vai acontecer daqui a dois minutos, daqui a cinco, ou daqui a uma hora? O futuro daqui a dois minutos se tornará o presente e o passado já foi o futuro que hoje em dia é corroído. Existe uma angústia de ouvir o relógio mental gritando os segundos, seria um sinal de que tudo está errado? As grosserias sem intenção, o desprezo do olhar vazio, um efeito sonoro aos invés de uma frase concreta, a fala indevida, a distância do destino esperado. Ela será alguém diferente algum dia, ela será alguém vivendo outra vida, em um outro mundo, talvez oposto ou com as mesmas ideologias, mas quem ela será? Afinal, quem é essa menina? E por que ela se encontra nesse estado?

A cabeça começa a girar e as lágrimas a escorrer, essa insuficiência sentida nesse instante, ignorando as anteriores, essa. Será então aquela que mudará o rumo da sua vida futura? Ou é apenas uma das fases que a vida proporciona? aquelas que todo mundo diz entender e sobreviver, mas por que o peito sufoca como se a morte fosse agora? Será daqui a um minuto, daqui a dois, a três, talvez? É como se a alma

saísse do corpo e ele fosse para o modo avião, então a alma olha para o corpo e não se vê nele, a alma não vê o corpo que a pertence.

Mas essa é a vida, vida real, vida risonha, vida triste-nha, é simplesmente a vida, O que é essa vida em milhões de outras, que possuem desejo, garra, com aspirações de vida. Melhorar o mundo é uma dessas aspirações, essa menina poderia levantar agora e decidir mudar tudo, mas ela levanta e abre a porta. O almoço era bife.

Querido vazio...

Ana Beatriz Nascimento

Querido vazio, eu te imagino como um senhor de idade de cabelos brancos em sua cadeira de balanço, mas que, ao invés de nos dar conselhos sábios, tudo o que tens para nós, seus netinhos, é o silêncio. Um silêncio barulhento e assustador. Certa vez, eu perguntei: “Mamãe, por que o vovô não fala?”, ela me castigou. Com os olhos marejados ela me castigou com o mesmo silêncio que você adora permanecer. Por que não se manifesta? Por que continua me deixando nesse misto de agonia e desespero? Será que a ausência de respostas vem da falta de perguntas certas? Eu tenho medo de você, mas não acho que você seja meu inimigo. Quando eu te encaro percebo que talvez você seja o único que realmente me entenda, ainda que pareça distante. Querido vazio, por que eu não posso ser como você? Você não pensa, você não sente, não teme nada, apenas me faz temer. Eu quase pensaria que você não existe se não me fizesse sentir tanto. Você é a ausência do tudo e o preenchimento do nada. Querido vazio, eu costumo te culpar por tudo. Por sua causa, eu detesto aquele meu reflexo inesperado que eu vejo nas janelas dos carros. Por sua causa, eu me tornei uma turista em meus próprios pensamentos. Por sua causa, eu tenho medo de tudo aquilo que não tenho conhecimento. Eu tenho medo de que você nunca suma. Querido vazio, você é eterno, você faz parte de mim. A única forma de você sumir é te preenchendo, mas assim você não seria o vazio e eu odiaria te transformar em algo que

you are not. I have hope that behind you is the answer to my torments and not an ever-growing abyss that swallows me up as time passes. Dear empty, I found that you were leaving me as the ambulance moved away, I was terribly deceived.

Sonhos de uma noite de infância

Anna Beatriz

Já faz muitas noites que não tenho bons ou maus sonhos, são consumidos pela falta do meu tempo.

Mesmo depois de muitos anos, ainda me lembro de você, uma amiga, uma estranha, uma conhecida, uma memória de anos atrás.

Naquele dia que se terminou, que nem me lembro como começou, fecho os meus olhos indo ao mundo estrangeiro.

Mas quem é você? Eu não te conheço.

Vejo você, oh, garota de cabelos negros, longos e bagunçados que cobrem o rosto, vestindo um vestido longo e branco.

Aqui, neste outro mundo, não sou eu a estrangeira, mas sim você.

Este mundo até parece o meu, minha casa, o pátio da frente, a minha sala, até meus pais, porém, não é igual, meu irmão não está aqui e a mesa de jantar é de madeira, ao invés de vidro, como a minha.

Por que está se afastando, querendo ir embora?

Que estranho, não pareço ter controle de mim mesma, pareço ser uma criança pequena, correndo até você, chamando-a para entrar.

Por que parece tão triste e perdida?

Você está virando pó, sendo levada pelo vento que não sinto de onde vem.

Uma aflição parece tomar meu corpo.

Corro e seguro a sua mão, aos poucos você volta, como se estivesse voltando a vida.

Você parece mais confusa do que eu.

Não entende o que aconteceu, porque ainda está aqui, entretanto, parece alegre.

E por que? Eu conheço você?

Você me dá um abraço de despedida e vai sumindo, não como o pó da terra que parecia antes, e sim, como partículas de mil estrelas.

Está feliz indo embora e eu também.

Acordo em minha cama, o sol está invadindo o quarto através da janela.

Me levanto e fico olhando para frente durante um tempo e simplesmente sigo minha vida.

Não sei quantos anos eu tinha, oito, nove ou dez, nem lembro o que eu fiz naquele dia.

Eu, como pessoa, nunca tive uma boa memória, não lembro com facilidade o que eu faço diariamente.

Não tenho problema de esquecer, mas sim de lembrar.

Tenho medo de acabar esquecendo de algo precioso, entretanto, ao lembrar dessa memória que normalmente é esquecida após cinco minutos depois que acordamos, me sinto mais tranquila.

Após muitos anos, eu ainda me lembro.

Nunca soube seu nome, sua idade, de onde veio, seu rosto claramente.

Eu não sei por que, mas conheci você.

Sementes do Temer

Caroline Emanuele

Plantação do empobrecer,

Ingênuos demais para ganhar, jovens demais para perder.

Sem nada a ganhar, sem onde pertencer.

Me ensinaram a andar, mas não me ensinaram a correr.
Me condena agora a viver, comer agora da semente que eu
deveria colher.

Sem água, sem terra, sem sol, questionas o que eu poderia
oferecer.

Sem antes viver, sem antes crescer. Tenho sementes senho-
res, sementes do temer.

Lua

Elielson

O futuro é como a lua
Podemos ver apenas poucos detalhes
De sua imensa beleza
Porém, ainda há
Uma imensa escuridão
Onde reina o mistério e a incerteza
E só se pode saber como é
Indo até lá para ver

~A. Luctrellinni

O futuro

Emile

Eu estaria mentindo se dissesse que penso muito no futuro, até porque quando penso nele é sempre um mix de emoções, pois meus sentimentos estão sempre em divergência.

Há momentos em que o futuro me parece promissor e, quando isso acontece, a felicidade parece me chamar para um abraço caloroso. Já em outros, ela tende a me apunhalar com a difícil realidade. E a vida, sendo essa caixinha de surpresas, me deixa ansiosa quando penso no que ela tem preparado para mim. E sobre o mundo, é sempre um sentimento de angústia por ver tudo que vem acontecendo e não poder fazer nada, a não ser observar. Percebo o quanto a humanidade vem avançando na tecnologia, mas regredindo nas relações sociais.

Futuro

Helena Galuch

O improvável vive, a incerteza perdura, e a ansiedade continua. A sensação desgosta que dá sabendo que posso ser tudo e nada ao mesmo tempo. Arrepios na pele são comuns, peluda eu sou, mas será que no futuro eu continuarei ou estarei apenas osso?

Mais uma garfada.

10 anos. O tempo necessário para saber se tudo que eu tenho feito terá algum resultado, mas tudo depende de mim, certo? Não! Eu não quero. Palidez. Eu não serei nada, é isso, talvez eu devesse acabar com essas incertezas o mais rápido possível, talvez eu deva acabar com todos os sonhos de minha criança interior para não viver nas diversas possibilidades do mundo.

Mais uma garfada.

Por que todos parecem estar indo em frente, enquanto eu estou parada no mesmo lugar? É difícil continuar quando não existe algo que consiga fazer com o mínimo de destreza, que pelo menos ache que tem algum tipo aptidão, afinal, eu sou nada.

Terminei.

A comida estava deliciosa.

Quando o futuro se faz presente

João Felipe

Me afligem, quando o futuro se faz presente, os arrependimentos que traz consigo, causados pela evidência das consequências das ações passadas, agora imutáveis, pois o presente em que ocorreram já passou, restando apenas a amargura e o remorso.

Quando o futuro se faz presente em minha mente, minhas ações a ele se orientam, muitas vezes tirando minha mente do lazer que estou praticando e jogando-me contra parede, forçando-me a tentar ser produtivo, isto é algo com que frequentemente me frustro. Apesar disso, há momentos em que o futuro não se faz presente em minha mente, o que gera ações inconsequentes que resultam em arrependimentos quando o futuro se faz presente.

Quando o futuro se faz presente, mudanças são impostas pelo tempo, me aflige a sua imprevisibilidade. O desconhecido, em geral, gera em mim a sensação de insegurança e de impotência. No entanto, esse desconhecido abre margem à esperança, na qual muitos se agarram para viver dia a dia esperando por um futuro melhor.

Sem essa esperança, muitos perdem-se em uma rotina que se repete sem propósito, vivem cada dia esperando que este acabe logo, sem perspectiva de melhora. Essa situação é a que tenho mais medo de encontrar-me no futuro, o que ocorreria se porventura me esquecesse de quem sou.

Idade Média

Letícia Ferreira

Já sonhastes com o futuro?

Dizei-me, meu amor,

Se sonhastes com um temor tão obscuro,

imaginastes um domínio

Que queima com tanto rancor?

Dizei-me, meu senhor

Dizei-me quanto tempo passou,

Dizei-me quanto o mundo mudou,

Se mudou,

Por que meus direitos lhe causam temor?

E pensastes em mim e em vós?

Dizei-me que estais preparados

Para amar em um mundo

Em que tal ato é pecado.

Dizei aos que reinam o vosso futuro

Se um dia vós tecerdes sobre nossa tragédia,
Dizei que saberes seculares não valem nada
Para quem ainda pensa no que vale
A Idade Média.

Dizei-me, meu amor
Ainda vos tereis?
Se sonho sem liberdade
É assim que morrerei

E quando pensares em nós.
Jamais chore para aqueles
Que não escutaram a minha voz.

Futuro?

Lourdes Haydee

Tecido xadrez e couro, uma combinação clássica. Vestido e rasteirinha? Me deixam enjoada só de pensar. Às vezes, o futuro é como uma roupa feita sob medida para outra pessoa, mas que por alguma razão, te obrigam a vestir.

Poderia ter sido uma bailarina, mas não tinha o físico de uma. Se tivesse os braços mais compridos, as coxas mais finas...

Poderia ter sido uma artista, mas o pincel fora arrancado de minhas mãos para quem sabe assim, me moldarem a algo que nunca quis ser.

Querem que eu siga um caminho tradicional. Quando eu perguntei a alguém se achavam que eu ficaria bonita de jaleco branco? Quando disse que queria defender pessoas em um tribunal, mesmo que fossem criminosos? E daí que eu seria bem paga? Onde ficariam os meus princípios no meio disso? “Que princípios?”, alguns diriam. E percebo que teriam razão, mas se não tenho princípios hoje é porque, no passado, me foram tirados aqueles nos quais eu acreditava. Por que insistiam em me empurrar para o título de “douora”? Era o mesmo que tentar combinar roupa neon com qualquer outra coisa.

Querem que eu carregue um fardo irreal. Ser designer, criar arte e beleza, para eles, não é uma trajetória hon-

rosa, mas posso provar que meu sonho vale a perseverança. Mesmo que o medo de falhar nunca me abandone e seja minha eterna sombra.

Às vezes, o futuro é como uma flor que está prestes a desabrochar, mas você nunca sabe o dia certo. É como correr em direção ao horizonte e descobrir que, conforme você se aproxima, ele se afasta cada vez mais, fazendo com que eu me perca em um labirinto de frustrações e emoções onde a raiva predomina. Não uma raiva explosiva, mas uma raiva sutil, que se disfarça de tristeza e conformismo. Aquela que corrói por dentro, como a água que desgasta a rocha com o passar dos anos e que nos dias mais difíceis se revela em pensamentos inquietos, noites de insônia e em lágrimas que ninguém vê.

Vida adulta

Nicolas

Quando eu era mais novo, nunca tinha pensado no futuro até realmente perceber que ele é um terror. Ele me passa uma sensação de ansiedade. Quando eu era mais novo, pensava em viver só até os 18 anos e desistir. Não queria encarar a amarga e cinzenta realidade adulta.

Agora aqui estou, com 15 anos e cada dia mais próximo da idade que eu tanto temia. O futuro agora me deixa ansioso por outro motivo: o egoísmo do ser humano. Até onde ele pode chegar? As tragédias que vem acontecendo no mundo só reforçam tal pensamento. Eu me nego a ver tais tragédias para não ter que lidar com essa ansiedade que o futuro me traz.

Antes, eu queria viver até os 18 anos; agora, eu quero sobreviver o máximo que der. Não almejo um futuro próspero ou algo assim. Quero somente não passar necessidades. Quero alguém para compartilhar minhas felicidades, quero uma casa e, com certeza, quero um gato. Mas sei que dificilmente vou viver essa realidade. O egoísmo humano provavelmente vai me impedir de ter isso.

Eu sinto uma ansiedade que me corrói, que começa pelo estômago e vai paralisando meus membros. Acho que, mesmo com 15 anos, eu ainda evito o máximo que der pensar no futuro.

O relógio quebrado

Paula Patrícia

Ao caminho do trabalho, aconteceu um fato que me comoveu internamente, de modo que alimento minha necessidade de contar esse fato. Como bom trabalhador, tomei meu café para que os nervos despertassem, sem a mínima preocupação com o que quer que me aguardasse, pois é comum fazer sempre a mesma rotina sem nada de diferente. Porém, hoje olhei o horário e percebi que meu relógio havia quebrado, e automaticamente “POFT!”, senti o desespero de estar perdida no tempo.

Então, apressadamente, corri com minhas coisas para o trabalho, temendo chegar atrasada. Durante todo o caminho, percebi que os relógios das pessoas não se igualavam, alguns com 2 ou 3 minutos de diferença, o que, para alguém perdido, é como horas de diferença, mas todos aqueles relógios andavam, o meu não, então estava eu parada como meu relógio no tempo. Os dias passavam num piscar de olhos quando meu relógio estava funcionando, mas agora horas se decorrem a cada minuto, o dia nunca acaba.

Quando resolvi perguntar os horários dos meus colegas de trabalho, cheios de si apenas respondiam: “atualize seu tempo”. Sinto que sem meu relógio estarei para trás de todos, pois sem saber em que tempo estou, permaneço no lugar ou me perco nele próprio. Percebo mais uma vez que mesmo não estando com o relógio, o tempo está sempre

funcionando, eis que não posso me emburrar por um relógio quebrado.

Entre alucinações, escutava o bater do relógio: “TIC-TAC, TIC-TAC, TIC-TAC...”, quanto mais o tempo passava, mais sentia que meu relógio estava parado, mais ficava para trás, e o tempo nunca cessava. Fui ao técnico depois do trabalho, que gentilmente socorreu o meu tempo, enquanto dizia que o problema não estava no relógio do tempo, e sim no relógio da minha cabeça.

Como o futuro me faz sentir

S. Mamud

E se no futuro, talvez, eu não sentir?
Talvez não haja futuro.
No fim, tudo acaba.
Mas e se tudo acabar acabando antes do fim?
A humanidade acaba com o seu mundo.
A que custo?
Dinheiro, fama, poder,
Numa terra onde as leis são aquilo
que impedem o caos,
Mas não pelo bem-estar ou senso comum,
Muitas vezes, apenas pelo medo
de perder sua liberdade.
É inseguro, e eu me preocupo.
Veja meu lado,
Ainda não cresci.
Não mentalmente, pelo menos.
Não sei me proteger sozinho e

Meus pais moram aqui.
Meus amigos moram aqui.
Meu cachorro mora aqui.
Nós moramos aqui.
Os humanos moram aqui.
Então como protegeremos
os humanos dos desumanos?
(preciso do futuro para viver)

Os filhos nascerão brilhantes

Victor Hugo

os filhos nascerão brilhantes
sangue de poeta
com todos os dedos bem gordinhos.
meu futuro é incerto
onde cada suor, cada costura do
lençol da vida
me cobre
e me embrulharei de um azul tão azul.
o que seria essas dimensões
que incidem?
no topo da cabeça
onde o amanhã dói?
esqueci de me doar
tive e não tive
brinquei com as nuvens juntas
com os respingos da vida
negligenciei os rostos

os quadros, os textos, todos os rabiscos.
por que a voz é tão difícil de sair?
dedicarei os olhos abertos
para as paisagens certas?
desço tão rápido desse morro
e a lua toda vira um risco.
sou egoísta por me afundar em mim mesmo?
é porque as coisas vêm daqui
vem de dentro
desse fio
dessa linhagem
(meu sangue é de arder.
os filhos nascerão brilhantes
e da solidão tudo brotará
tudo retorcido
tudo como o nada dos melhores céus
porque os meus beijos são sem as bocas
e o que eu escuto são amores passados.
descanso agora na sombra
das folhas enormes

casulo ou prisão?
toca ou buraco sem fim?
Deus, cadê os humanos para
me tirarem do meu próprio delírio?
aterro os meus valores
os pequenos detalhes
para quê sentir se será pior?
voo sem saber que
o sol está perto demais.
sou o que eu sempre quis ser

Livre!
felicidade utópica
mas onde guardastes o afeto?
nem aqui nem nas águas
o que a concha mais protege
que silêncio seria se eu me escondesse nela?
os filhos não nasceram brilhantes
cansei disso tudo
quando voltarei a ser alheio para o tempo?

terei a escolha de não
me importar novamente?
queria permanecer no balanço
na rede dos sonhos
mas durante uma noite
percebo que eu
esqueci de fechar os olhos
e agora a vida toda é um sonho.

Dor de ouvido

Vitória Lorena

A dor de ouvido é insuportável, causa aflição, você não consegue ver onde dói, mesmo assim você sente, uma dor de quebrar os dentes. Se dor de dente é horrível, a dor de ouvido é uma praga, falar ou respirar se torna difícil, mas não tem como saber se melhorou, só se a dor parar.

Os remédios incontáveis que são gastos só parecem piorar, antes o que fazia bem, hoje faz mal. Sinto como se fosse morrer, parece dramático, mas a dor é gigante, não sei quando ou se ela vai embora.

Tenho medo, medo de acordar, perceber que ela ainda está lá, me matando por dentro, destruindo meus sentidos, minha mente, meu coração e minha cabeça. Se a dor aumentar com toda certeza terei alucinações, se isto já não tiver acontecido.

Só quero sumir ou não existir, pois assim a dor passará, não terei que sentir essa sensação que me dói até a alma. É a pior emoção que se pode sentir, caso eu acorde com esta coisa palpitando no lado direito da minha cabeça, prefiro desaparecer.

Quero apenas que tudo de mau suma, vá embora e não retorne. Mas sei que ela vai voltar, talvez ou com certeza bem pior. Gostaria que tudo passasse, no entanto, sei que não vai, agora tudo que resta é me calar e lamentar.

Susto do amanhã

Ynes Maciel

O futuro me assusta. É irônico quando vejo alguém dizer que não vai estar vivo para ver o fim do mundo, mas a verdade é que já estamos vivendo o fim do mundo, e tudo o que estamos pensando é em coisas fúteis. Daqui a alguns anos, vai ser normal a fumaça aqui em Manaus, daqui a alguns anos serão normais as enchentes, mas afinal, terá mundo ainda para se preocupar?

Tudo o que penso é sobre como nosso mundo vai ficar no futuro. Penso em como as crianças que irão nascer nunca vão poder ver coisas como elas eram. Hoje, me preocupo com a próxima seca que haverá no Amazonas, mas penso principalmente no meu futuro. É louco pensar que daqui a pouquinho serei uma adulta e que minhas escolhas vão refletir em como será o meu amanhã, é insano pensar no futuro quando se é uma adolescente. Eu me preocupo tanto com o futuro que talvez, só talvez, seja por isso que... O Futuro me assusta.

Tomo II

O que os olhos veem o coração não sente?

O velho violonista

Ana Alexandra

Largado na calçada
Com suas vestes rasgadas
Rosto seco, pele morta
Tocando uma melodia embaraçosa
Relembrando as memórias em
um palco cheio de rosas

O violão brilha com seus dedos gelados a tocando
Ele soa tão azul quanto a tristeza lhe embutida
Os olhos não querem abrir mesmo os forçando
E sua garganta não o deixa cantar
nem uma nota desafinada
Não estou infeliz, ele diz
A velhice é um sentimento doce como mel
Pelo seu estado devia ser um mero músico aprendiz
Mas és o maestro por trás da antiga
orquestra inexpugnável

A cabeça se perde quando se tem tudo
Medíocre é a vida de quem não tem nada
Grande foi o músico oriundo
Arrogante foi com sua vida destinada

A meia noite é o seu horário
Ele não está sozinho
Ele não está perdido
Seu violão está consigo
Mostrando-lhe o caminho
Em um paradoxo cinerário
De quem teme
De quem sofre
Ao lado do seu amigo eloquente
Toca a mesma canção novamente



O velho violinista cego (1904) — Pablo Picasso

Ivan, o Terrível e seu Filho Ivan

Ana Beatriz

Quis te honrar com meu próprio nome,
Por isso, ter te perdido me consome.
É como suicídio,
Com a diferença que eu ainda sinto.

Jaz neste recinto aquele gerado pelo útero
da mulher que mais amei,
Agora, estou destruído pela morte
que eu mesmo causei.

Te transformei em uma alma penada.
O sangue que compartilhamos
parece não significar mais nada.
Afinal, o teu está espalhado
pelo chão tão cruelmente
Já o meu, ainda corre
pelas minhas veias vividamente

Teu último suspiro não escutei,
Apenas o som da espada que derrubei.
Me culparei pelo resto da minha vida amargurada
Se é que pode se chamar de vida
aquela que sem ti é apenas uma existência arruinada

Horrorizado pelo meu próprio ato,
Meu olhar transmite um tormento mortal.
Em um acesso de raiva, cometi um mal,
E espero que em algum momento,
pagarei por esse meu terrível pecado.



Ivan, o Terrível, e o Seu Filho Ivan (1883) — Ilia Repi

Noite Estrelada Sobre o Ródano Azul

Anna Beatriz

Pelo seu primeiro nome todos já iriam
confundir você com sua irmã mais nova.
Mesmo tão semelhante na paleta de cores,
porém diferente em sua estrutura.
O mar perto do porto, tão escuro nesta noite,
reflete as luzes que vêm da costa.
As estrelas tão brilhantes,
iluminam a escuridão desse céu.
Me imagino sendo uma das pessoas
andando pela beira da praia,
olhando aquelas luzes tão distantes.
Neste mundo tão silencioso, me sinto em paz.
Mesmo sem nenhum som, escuto uma música.
Piano e violino, não só tocando músicas clássicas,
mas também músicas com toque de guitarra,
simplesmente por que eu gosto.
Danço sozinha ou até com as estrelas

em minha imaginação.

Percebo agora como

eu realmente te admiro.

No final de tudo eu não escolhi você

como minha pintura principal

para o tema de minha festa.

Eu não sabia nem o seu nome.

No meio do planejamento,

eu queria flores,

mas você não oferecia.

Eu fui como os outros,

deixando de lado por não te conhecerem.

Uma eterna peça esquecida

com o seu grande valor.

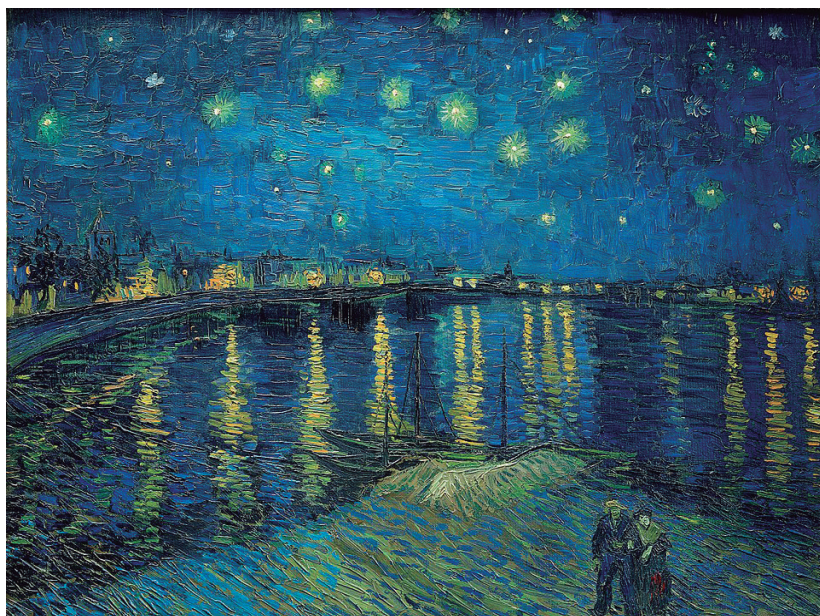
Peço desculpas

por não te considerar uma amiga.

Descartei você e te substituir

pela sua outra irmã,

Amendoeiras em flor.



Noite Estrelada Sobre o Ródano (1888) — Vicent Van Gogh

Tinha gosto de metal

Caroline Emanuelle

O manto dourado cobre o corpo asqueroso,
pelas borboletas que comem da tua carne,
levou o teu único bem,
ó impuro e doce teimoso,
que se contenta por beijar o corpo, por ainda quente.

Numa tarde quente de verão,
dentre lágrimas douradas,
lhe disse que não iria mais voltar,
e que não deveria mais esperar.

Chorou então lágrimas por velas.
Flores começaram se abrochar,
todas se puseram então a sussurrar.
Uma pintura dentre várias telas,
flores pelos pulmões que desejavam pelas janelas.

E por uma tosse seca de sangue,
pétalas se puseram a dançar.
E então uma flor cresce em tua alma,
seguras as pétalas entre palmas.

Te caem pela garganta,
os pulmões cheios de flores não encantam,
o gosto metálico também não espanta.

Afinal, do que te queixaria?
te mostraria o calor da vida,
mas enfim, um cadáver era o que tu ofereceria.



O beijo (1909) — Gustav Klimt

Nublado

Erick Reginaldo

O clima nublado perdurou no céu
Sempre o sentimento de que uma hora iria chover,
assolava qualquer um na terra.
O nublado depois de tanto tempo
Transformou-se em tempestade.

Uma tempestade que com seus raios e trovões quase
partiu a terra
Queimou as florestas
E encheu os rios.
Um preenchimento desolador.

Porém, essa chuva e tempestade intensa
Que ameaçava, alertava e deixava a terra
ansiosa para sua queda.
Passou, obtive seu processo e finalmente...
Cessou.

Os céus clareiam e as nuvens se dispersam junto da chegada do sol e da luz.

O clima nublado vira memórias, que finalmente são memórias, não realidade.

A terra agradece, sorri,

e aceita que pode florescer novamente.

Pois no fim, a chuva regou a nova floresta...



Shot do anime Bleach (2004 - 2012)

Isto não é um cachimbo

Helena Galuch

Podemos sempre nos ver, estamos por todos os lados, na mente das pessoas, em seus olhos, nas janelas escuras, nos pequenos gestos e nos reflexos. O espelho, tal objeto que traz nosso eu, nossa aparência, a visão dos outros sobre nós mesmos. Talvez aquele reflexo tão comum a mim não seja mais tão verdadeiro.

Os olhos alegres, cabelos longos e negros, pele bronzeada e um sorriso constante no rosto fazem o meu eu, o eu verdadeiro. Essa sou eu. Ser refletida dessa maneira me faz bem, esse ser que está em minha frente ainda existe? Não, está morto, morto por causa do ódio, por causa do cansaço, por causa desse mundo ignorante. A vergonha da própria aparência começa a se instaurar. Se, no reflexo, não é eu, quem sou? O que sou? Eu... mereço tudo isso? Mereço ser esse eu, mesmo depois de tudo que ocorreu?

Afinal, depois de tudo, ainda sou eu! Não é uma outra pessoa ou é? É tudo tão confuso, como se fosse apenas um personagem que consigo escolher a qualquer momento da minha vida, como se eu pudesse mudar toda hora.

Tudo que eu tinha de bom se foi, cabelo não guarda memórias, por que não cortá-los, então? Agora sim, consigo ver a verdade, isto não é eu, mesmo sendo totalmente igual a mim, não é aquilo que me representa e me faz eu.



A traição das imagens (1929) — René Magritte
Ceci n'est pas une pipe (Isto não é um cachimbo)

Autorretrato com a morte tocando violino

João Felipe

A morte é a transição entre a vida como conhecemos e o desconhecido. Esse desconhecido é capaz de trazer muitas emoções, desde medo pela incerteza até esperança de algo melhor. Particularmente, sinto um misto de emoções boas e ruins, pois me assusta a possibilidade de, ao entrar nesse desconhecido, ser condenado a um destino eterno e imutável de vazio. Condenado pelo universo a não ser mais algo. Não compreendo como alguém pode simplesmente deixar de ser qualquer coisa e não existir mais em si próprio, apenas em memórias e registros. Mas há ainda a esperança na possibilidade de ser algo bom, não há como saber até que eu passe pela morte e adentre o desconhecido. Assim, não me parece útil gastar minha vida aflito com a morte se está é inevitável



Autorretrato com a morte tocando violino (1872) — Arnold Bröcklin

Le Suicidé

Letícia Ferreira

O primeiro tiro foi pelas amarras.

O segundo foi pela liberdade.

O terceiro? Não se sabe.



Le Suicidé (1881) — Édouard Manet

A Execução de Lady Jane Grey

Vencedor na categoria “Melhor Poema” em 2024

Lourdes Haydee

Na penumbra da manhã fria,
Ergue-se um palco de desespero e dor,
Onde a jovem Lady Jane Grey,
Enfrenta seu destino, sem clamor.

Seu olhar, perdido e trêmulo,
Busca a madeira rude e cruel,
O medo, um véu que a envolve,
Enquanto se aproxima do anjo fiel.

O vestido branco, como neve,
Contrasta com o peso da sentença,
A inocência em meio à tragédia,
A morte que chega, sem clemência.
Mãos suaves tentam guiar,

Um gesto de compaixão e pena,
Enquanto a lâmina fria espera,
Para ceifar a vida tão pequena.
Os espectadores, sombrios e calados,
São sombras de uma era severa,
Assistindo ao fim de uma jovem rainha,
Em uma tragédia que o tempo encerra.

Paul Delaroche, em sua tela,
Capturou o instante de angústia e dor,
Cada pincelada, um grito mudo,
Cada sombra, um eco de horror.

E ao olhar para Lady Jane,
Sinto a injustiça que paira no ar,
Um lamento por vidas perdidas,
Um pedido de paz, a ressoar.

A fragilidade de sua juventude,
A força de sua dignidade,
Na face da morte iminente,
Resplandece a triste humanidade.

Neste quadro, a história revive,
A lembrança de um sacrifício cruel,
E o coração do observador se aperta,
Diante do destino de Lady Jane Grey, tão fiel.



A Execução de Lady Jane Grey (1833) — Paulo Delaroche

Caçadores na neve

Lourenço

A friagem vem chegando
E com ela a neve a descer
Todos vindo ver o céu escurecer
Os caçadores já se preparando
Cães ansiando pela caça.

Há tarefa mais bela que a caça?
Deixar por breve se levar aos instintos
A busca eterna pela sobrevivência
Tradição que vem desde os tempos mais antigos
Aperfeiçoada pela inteligência.

E ao final
Os abençoados de Artemis terão a glória
Na mesa a comida conquistada
Contarão histórias de vitória
E que anseiem pela próxima caçada.



Caçadores na Neve (1565) — Pieter Bruegel

Monalisa

S. Mamud

Na frieza de quarta e ansiedade de prova,
Um pequeno agrado tão delicado quanto uma nuvem,
Te arrancou um sorriso sincero e calor,
Fez tua tarde valer a pena e sua tristeza sair de ti.

Desde então, não desgrudava daquele artista bobinho,
Aquele que te fazia sorrir sempre que se abria.
Moleque simples, nem sabia quem era.
Só sabia ver sua musa, sua Monalisa.

Seu oceano mais azul, se perdia nas tuas ondas,
Sequer sabia nadar, se afogava com gosto
no azul do seu cabelo.

Nunca sentiu uma vez antes,
sentimentos fortes que enchem o pulmão,
Apenas a sua musa, sua Monalisa.

Enfrentavam conflitos, a maré fica alta um dia,

Depois abaixa, depois levantava
e abaixava mais uma vez.
Isso nunca foi um problema para nenhum dos dois,
Ele amava sua musa, sua Monalisa.

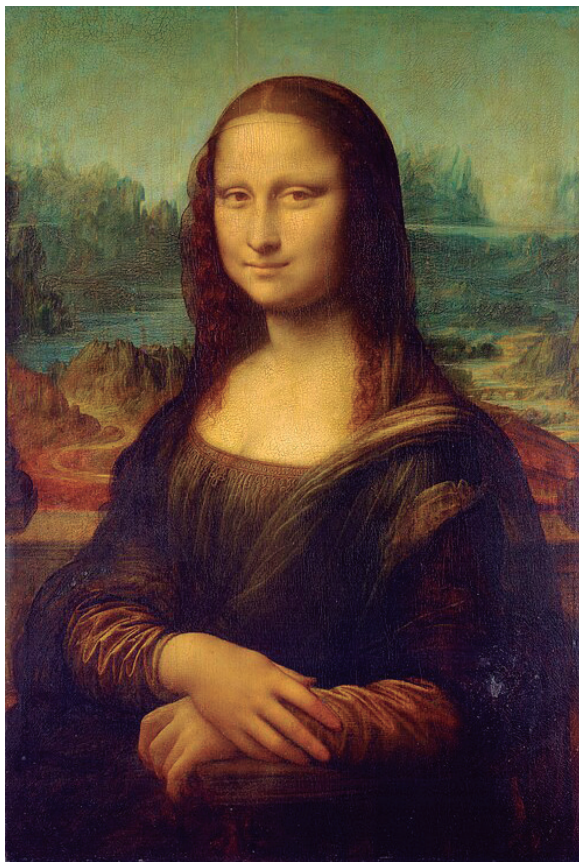
Mas um dia, tudo acabou.
As gotas que banhavam seu rosto,
agora saíam de seus olhos.
Elas molhavam os papéis do pequeno artista.
Que sentia falta da sua musa, sua Monalisa.

Pobrezinho, não pintou por anos.
O artista bobinho agora olhava para os oceanos,
chovendo de saudade.
Pelo menos tinha boas obras, certo?
Obras de sua musa, sua Monalisa.

Moleque simples, era muito teimoso,
Mas quem o culparia? Seu coração também
era tão lastimoso.

Observe o oceano, sinta as ondas envolverem
seus pés, escute sua risada.

A risada da musa, da Monalisa do pequeno artista.



Monalisa (1506) — Leonardo da Vinci

Praia de Valência à luz da manhã

Victor Hugo

Em dias de sol e de mar
quando se tem mar
prefiro não falar nada
as cortinas me embalam
feito mangarataia
viro um barco à vela
indo pra lá e pra cá
lembro dos respingos
e da nudez tão ingênua
da criancice tão pouco
descascada
era pele saindo
era corpo febril na água gelada
era medo e também dopamina
era feminino e também dolorido
era imaginação e também lembrança
era a primeira vez de que
os meus dedinhos se

embebedavam do sal e da solidão
preciso guardar ainda
todas as bolinhas de sabão
aquelas que nunca estouraram
aquelas vestidas de cores tão vivas
aquelas produzidas em lua cheia
aquelas borbulhadas com boca maior
ainda é cedo para sonhar?
de viajar dentro barquinho
de fazer desejo em garrafa
de enrugar os dedos e
querer não sair nunca mais
da água?
feito assim então:
uma profecia debaixo d'água
um provérbio não tão conhecido
era concha enroscada
no mindinho do pé
sou brando o suficiente
para andar mais um metro de areia?

sou mais velho o suficiente
para dizer que o coração dói?
sou mais criança o suficiente
para sentir e ouvir as tuas
histórias de longa data?
sou homem o suficiente para ouvir
calado todo escárnio?
eram os pulinhos de dopamina
com a ponta dos pés sem
tocar no chão do mundo
as mãos balançando em
ritmo à música das ondas
que giro enorme
os pescoços, os risos, os choros
correndo pelos corredores
com um corte na mão
era caco pela varanda toda
tu roubaste a flor
de porcelana?
era pano branco ensanguentado

era risada e também
esparadrapo enrolado
em toda a mão
ensinaste o pequeno a nadar?
explicaste sobre os temores
de um homem vulnerável?
não tinha o que arder
se tu passaste em
toda a costa o protetor
não tinha o que chorar
se tu escondeste o que era
motivo de algazarra
com o corte na mão
e o tocar dos pezinhos
debaixo da mesa
era vivo os dias
era líquido e cítrico
mas se deixaste no sol
marca ficaria
lembrar o sobrenome

e conseguir diferenciar
o que é bom dizer
e o que é mentira
elaborada
os teus cabelos
castanhos como risco
de pupila maior
foi mesmo um pouco demais?
te desejar e não ter perguntado
se o sol deixará
os amores tão frágeis
os corpos tão perto
os barulhos tão finos
ainda é cedo
as pegadas diminuem
e as espumas invadem
toda areia antes intocada
tu roubaste a flor de porcelana?
o que é real continua aqui
uma camada espessa

de isso e aquilo
produzido de um pouco
de nada mais que o céu
continua aqui mesmo
que eu mude
para outros olhos
e outros ventos
jogo o barquinho ao
mar com o desejo
de que volte a minha mão
é preciso amar



Praia de Valência à luz da manhã (1908) — Joaquín Sorolla

Guernica

Vitória Lorena

Não são apenas formas confusas ou figuras estranhas, são pessoas. A mãe que chora no fundo com seu filho nos braços é, inegavelmente, uma realidade. Quem olha de primeiro não percebe, mas o touro é sinal de uma iminente tragédia.

Há pessoas chorando e outras, talvez, gritando. O horror de uma guerra é estampado de forma simples, no entanto muitos ainda não entendem seu peso. Numa guerra ninguém ganha, muitos morrem e muitos outros ficam com sequelas, os “ganhadores” são meros orgulhosos, pois se a guerra fosse só entre aqueles que a querem tudo acabaria mais rápido.

Apesar de toda dor é impressionante como ainda há um pouco de esperança, mesmo com todo o sofrimento pode-se tentar enxergar um futuro diferente, belo, porém, triste, tentar ver um futuro incerto sem saber se vai estar nesse mundo no próximo minuto.



Guernica (1937) — Pablo Picasso

Aqueles olhos...

Ynes Maciel

Os olhos que carregavam angústia
Os olhos que carregavam dor
Mas mais do que isso
Era o olhar de sofrimento
De vergonha
Havia feito uma escolha
que mudou seu rumo
Havia feito uma escolha
que mudou seu rumo
Havia tomado uma decisão
de desafiar o senhor divino
Teve que lidar com as consequências
de seus atos
Estava desprotegido
Estava sem rumo
Sem um lar
Para onde iria voltar?
Os braços tentavam esconder sua vergonha

Mas falharam em esconder seu pecado
As lágrimas enfim caem
Assim como ele caiu do seu paraíso
Dizem que os olhos dizem
mais do que certas palavras
Mas Aqueles Olhos
Ah, Aqueles Olhos contavam História.



O Anjo caído (1847) — Alexandre Cabanel

Tomo III

O que o acaso reservou?

Café

Ana Alexandre

Ansioso o fogo queima, iludido com o sabor,
seu cheiro ardente pela manhã ilustra o amor,
grãos caem pela bancada
mania enviesada
pode ser quente e doce
pode ser amargo e precoce.

A xícara vazia recebe o calor
Rosto risonho lembrando do famoso confessor
Memórias cítricas esvoaçam na mente
Parado ali naquele momento literalmente.

O líquido é um espelho
antigo, novo e velho
Cada gota é um desespero
Existe mais uma xícara beirando o exagero
A fumaça lentamente apaga
A mente demoradamente se acalma.

O sopro do vento

Ana Beatriz Martins

Se eu o escuto,
Não consigo prestar atenção em mais nada.
De repente, estou sozinha em uma sala,
Com aquele que eu menos gostaria de estar:
Meu próprio pensar.

Se eu o escuto,
Eu imediatamente sinto medo.
Eu me lembro que tudo é passageiro,
Que tudo um simples ar pode levar.

Se eu o escuto,
Desejo não continuar ouvindo.
Quero me privar de tudo aquilo que vai passar.
Todos aqueles momentos se esvaindo,
Sem eu sequer notar.

O que não sou

G. Teixeira

Acorda

Não durma

Você é

É linda

É querida

Tão você

Tão seu ser

Seja você

Não seja assim

Viva sua vida

Viva assim

O que vejo

É perfeito

Deixe eu ver

Queria ser você

Aceite isso

O que escuta

É a verdade

O que tu vê

É você

Muda

Melhora

Cabeça baixa

Accita

Você é

Você tem que ser

Você é

Você tem que ser

Você é

Eu tenho que ser

Eu não sou

Eu não quero ser

Mulher da minha vida

Um furo na casca

J. Souza

A voz é poder,
Poder influenciar,
Poder mudar os outros,
Poder curar,
Poder machucar,
Poder sair.
Sair de si mesmo.
Mas a voz pode, mais que o silêncio,
Esconder o real.
Ela pode disfarçar e enganar,
Encobrir a verdade com mentiras,
Criar uma casca em torno do ser,
Escondendo a verdade dos outros
E até de si mesmo.
Essa casca aprisiona,
Essa casca machuca,

Essa casca dói,
Essa casca resulta da repressão,
Da repressão exterior,
Da repressão autodestrutiva,
Da repressão autoinfligida,
Da repressão que constrange,
Da repressão que tira a voz.
Voz que grita.
Voz que chora.
Voz que dói.
Voz que se cala.
Sufocada pela casca,
Desiste de sair e morre.
Das cinzas volta como fênix.
A partir de uma ignição incendeia,
Abrindo um respiro,
Um furo na casca que dá voz ao ser.

Chuva de luz

Caroline Emanuelle

Em uma tarde de verão, o sol se põe.
Seus raios de luz cruzam meus olhos,
queimam minha retina.
É impossível que eu pudesse vencer,
Quão difícil é olhar o sol
quando ele olha diretamente pra você?
Tu me tens em todo teu querer.
Teu sorriso cintila, meu amor,
não posso correr.

Jarra de água que me derrama,
enfim, estou em chamas.
Me limpa com chuva de luz,
pelo que espero pela eternidade,
meu amor, você é divina.
Seu sorriso cintila,
Tu me alucinas.

Então entre!
queime as cortinas do meu coração,
que eu miserável, já caí em teus encantos.
Não é justo,
mas em verdade, eu estou aterrorizada.
Olhando pela parede,
nunca me senti tão amada.

Preso entre galhos e arbustos,
esperando quando seus olhos vão se iluminar,
Os fogos de artifícios vão estourar,
vou me afogar nem seu âmbar,
quando o mundo nos incendiar,
quando eu puder, enfim, parar de sonhar.

Noite

Helena Ianuzzi

Seu abraço escuro e reconfortante, o silêncio ao redor, o sentimento de pertencimento. À noite. Ela nos ama como alguém jamais amaria, pertencer a ela é fácil, sozinho e aproveitando a própria companhia, com amigos se divertindo, com seu amante fiel ou apenas apreciando seu céu negro. Nas cidades ela não brilha como no campo, mesmo assim não tira seu brilho. A lua, ilustre presença, faz uma dança no tecido infinito junto às estrelas.

Eu, entretanto, não me sinto tão fiel a ela quanto o resto, sinto que não pertença a ela. A solidão, as dores, ansiedades sempre vêm nesses horários de escuridão. Mesmo odiando o sentimento que sinto em relação a noite, ela talvez possa me abraçar e me amar como não a amo. Afinal, ela é a única que me acolhe, de qualquer maneira.

Uma luz na escuridão

Letícia Ferreira

Há algo curioso nas pessoas: elas vêm e vão. Então, depois de um tempo, você se acostuma a ficar sozinha. Veja bem, perdi minha mãe há anos, e meu pai? Deve ter comprado todos os cigarros do mundo. Então descobri que não há companhia melhor do que a minha própria, afinal, a criança que todos ignoram no parquinho sempre tem algo extraordinário demais para que os outros entendam.

E ah! Como eu tinha algo para mostrar ao mundo, como eu era extraordinária ao ponto de arrancar suspiros daqueles que antigamente me desprezavam, e como me deleitava em partir seus corações. Minha arte era uma extensão de mim mesma, uma manifestação visível da grandiosidade que eu sabia possuir. Quando subia ao palco, sentia a energia do público, aquela mistura de admiração e inveja que eu tanto apreciava. O mundo parecia pequeno demais para conter meu talento. Cada movimento, cada palavra dita era uma confirmação do que eu sempre soube: ninguém estava à minha altura.

Mas, ironicamente, foi justamente durante uma dessas apresentações, em um teatro lotado, que minha percepção começou a mudar. Eu estava ali, no auge da performance, quando percebi algo que nunca havia notado antes: a sombra. Minha própria sombra, projetada no chão, dançava ao meu lado. E, de repente, senti uma estranha conexão com aquela figura escura. Não era apenas um reflexo; era como se, pela primeira vez, eu estivesse vendo alguém digno de mim.

Depois daquela noite, não consegui mais ignorá-la. Eu, que jamais havia dado atenção a algo ou alguém que não fosse a minha própria imagem no espelho, me vi fascinada por essa presença silenciosa que me acompanhava aonde quer que eu fosse. A sombra estava sempre ali, fiel e constante, adaptando-se aos meus movimentos, replicando minha magnificência de maneira simples, porém enigmática. Comecei a observá-la com mais atenção, analisando cada detalhe que ela exibia.

Ao contrário dos outros, que se limitavam a me admirar à distância, minha sombra me seguia de perto, como se compreendesse cada nuance do meu ser. Ela não me aplaudia, não me bajulava, mas estava lá a cada passo, a cada choro de dor após cada queda, no cansaço do meu corpo após atingir novamente a perfeição e colapsar exausta. Aquele silêncio era uma forma de aprovação que eu nunca havia experimentado, uma presença que parecia verdadeira em sua lealdade.

Certa noite, sozinha em meu estúdio, aproximei-me das luzes, ansiosa por encontrar aquela que se tornara minha obsessão. Ali estava ela, projetada na parede, grande e imponente, outra extensão de mim mesma, perfeita, magnífica. Eu me virei para encará-la e, pela primeira vez, senti que alguém me entendia, uma espécie de calor na base do estômago que apenas a minha própria imagem causava.

No início, dizia a mim mesma que aquilo não passava de uma curiosidade, uma das poucas coisas que conseguiram conquistar a minha atenção, mas logo, logo se tornaria entediante e se apresentaria uma decepção como todo o resto. Mas, dia após dia, meu fascínio só crescia.

Passei a me exhibir sobre a luz, deixar que a minha sombra se esticasse, se expandisse, até que fosse tudo ao meu redor. Quando a noite caía, eu dançava sozinha com ela, nossos movimentos sincronizados, um balé no qual não estava sozinha em minha grandeza, sem que jamais fosse ofuscada por outro alguém.

Com o tempo, a relação que desenvolvi com minha sombra se tornou quase íntima. Havia um prazer em vê-la ali, submissa e fiel, mas também independente, refletindo cada gesto, cada curva de meu corpo. Eu me apaixonei, mas não por outro ser humano, não por alguém que pudesse desafiar meu brilho ou tentar reivindicar parte do meu sucesso para suprir a própria insignificância. Eu me apaixonei por mim mesma, refletida naquela sombra que, ironicamente, parecia mais real e mais presente do que qualquer outra pessoa na minha vida. Eu percebi que já não precisava mais de aplausos, de críticas, de olhares invejosos. Eu me bastava. Eu e minha sombra, dois lados de uma mesma moeda, duas faces da perfeição.

Foi então que entendi o que sempre soube, mas nunca havia aceitado: ninguém poderia me amar tanto quanto eu me amava. Essa sombra, que me seguia fielmente, era a prova clara, ou melhor, escura, de que eu, em pura essência do meu narcisismo, era a única pessoa que valia a pena fazer o esforço de amar.

Ah... Mar

Lourdes Haydee

No silêncio das marés
Um segredo se esconde,
Um receio sutil
Não quer se mostrar
Ventos murmuram histórias antigas
Dois corações hesitantes
Mas que desejam amar

Iemanjá, soberana das profundezas,
Comanda o destino
dos corações submersos,
Guia as ondas que, silenciosas, suspiram, em seu reino de
espuma,
navegantes dispersos.
Um novo mundo a explorar,
Sem luta ou dor,
Uma entrega ao vasto que chama
O navegar incerto

Nas ondas do não-dito,
Onde o receio e a coragem
se encontram à beira do infinito

Cada onda que quebra
Sussurros de promessas,
De sentimentos imersos, temores guardados,
Almas se perdem,
sonhos e medos dançam juntos
Esperando o momento de
enfim, se encontrar

Brinquedo

Luiz Gustavo

Brinquedo, algo que faz parte

Mas parte de quê?

É algo para ser?

A história é sempre a mesma

pode até não ser

São os relatos da vida

que sempre hão de ter

Contos, relatos e fatos

Eu posso contar uma vez

O brinquedo sou eu

E pode também ser você

Preste atenção no que falo

Ninguém nasceu brinquedo

Então não aceite sê-lo.

Um grito silencioso

Paula Patrícia

Em um quarto de palavras
escuto a voz do silêncio
sangramentos de dentro da alma
escorrem serenos, diante de vós.

Não escutou meu grito de silêncio?
enquanto corrompia ruídos da alma?
Talvez um descanso salvasse
e trouxesse uma verdadeira alma.

Continuo a apitar no vácuo
Vasto espaço de pensamentos
não te ensurdece o silêncio?
Se o meu escutar está em fragmentos?

Mesmo vendo grande escuridão
é impossível escutar meu silêncio?

ao menos exista
mas a alma só diz:
desista!

Barulhento é o silêncio
para aquela que apita sem ser ouvida
clamores de socorro
talvez ache outra saída.

Corpo de aço

Victor Hugo Cortez

por que tem que ser sempre
uma questão? assim sem
nada entender
criar é fato e quando nasce
da cabeça-nada
não sei se irá
durar uma vida toda
invenção seria corpo
querendo ir?
te diria que é boca de aço
sem nenhum som eu sei
que a garganta arde eu sei
que o azul que explode
dentro da barriga arde
arde porque é preciso
ir pros altos
longe de tudo, tudo

você entende não entende?

guardo as palavrinhas os

minúsculos sons porque é

fácil escrever e

não olhar pro sol

arde eu sei eu sei mas

não posso dizer

que o certo é certo

terá que descobrir

é marca sem dó

é aventura dentro do

corpo de aço

põe a mão toda na areia

e ache alguma coisa

que faça mais por você

é fantasia é peça

é montagem

não existe mais

nada puro

dourado, mas teus
olhos brilham
sabe que são
temperados de
coisa diferente
dente de ouro
pele azulada
é magia diversa
diz que sabe
pra eu poder morrer
na cama de areia
com os meus sonhos
em paz

nasceste com
mãos de vidro
esperando sonho
sair por boca grande:
“nós não somos de ninguém!”
minha vida eu faço de

tudo um pouco
estilhaços da vida
tudo tão apertado
misturado dentro
do maciço corpo
uma explosão
porque a família continua
abraço, enlace, tapa na
cara porque é gente
do mesmo sangue
o rio não para
a pele enruga e os
dedos quebram
beija logo o mundo,
menino
não espere mais
substância feita de absurdos
beberá de uma vez só?
sabes que não tem tempo
pegaste um formato

e usaste de máquina desde
então
mas dói, é praga revestido
de prata
um caroço debaixo
da grossa camada de metal
o coração palpita por
sensação maior
por corpo a corpo
por pele queimada
sem fogo
por um eu querendo sair
do sólido duro que eu
mesmo moldei com tempo
o corpo feito de aço
não é imune ao
delírio de querer mais
tem curativo velho
e não importa
tem que tirar de uma

vez só, entende menino?

você quer não

quer?

saber sem precisar

esperar sem

esperar precisar

de algo mais

[não se cabe mais nada aqui]

Tomo IV

Que laços temos cultivado?

Laços

Anna Beatriz Garcia

Um laço verdadeiro protegido pela paciência.
Ou rompido pelo poder do tempo.
Decorado com pedrinhas brilhantes da memória.
Protegido por quem ama,
rompido por aqueles que não temem.

Do laço do amor amigo e familiar, eu o conheço.
Porém do amor romântico, eu o esqueço.
Como um estranho, que não tenho
interesse em acolhê-lo tão cedo.

Não a desprezo, nem o odeio.
Ele tem o meu respeito, pois, acho muito belo
em outros, mas não em mim.
Talvez em um futuro eu o encontre.
Pois eu não vivo por paixões,
são perigosas e mentirosas.

Uma distância que eu mesma criei.
Sem a influência de uma decepção.
Uma desconfiança paranoica do que pode
acontecer, mas nunca aconteceu.
Só quero ter certeza para não me arrepender.

Por não conhecer, não tenho direito
de falar bem ou mal.
Sou só uma observadora,
vendo aqueles que amam
ou só sabem da paixão
Laço que o tempo desenvolve em meu caminho.
Laço que a paciência, pode guiar até mim.

Para amar

J. Souza

Tudo que eu quero é um abraço
Tudo que eu quero é ser amado
O que almejo é retribuição
O meu desejo é que meu esforço
não seja em vão
Eu temo ser muito intenso
Eu temo ser pouco intenso
Eu temo machucar
Eu temo ser machucado
Eu tenho que confiar
Que não vou ser machucado
Que não vou machucar
Tenho que confiar para então me abrir
Me entregar esperando aceitação
Esperando poder acabar com a tensão
Gerar confiança mútua
E assim encontrar retribuição.

Vazio

G. Teixeira

Há em mim uma indescritível sensação de falta. Não sou e estou longe de ser algum tipo de representante da parcela social que estou inserido, mas muitas vezes nos importamos tanto com o status social de relações que esquecemos quem somos, partindo do princípio que, sem pertencer a alguém ou a um grupo, não somos ninguém. A vida se torna sem cor e no fim nossa rotina se torna uma busca incessante pelo afeto muitas vezes não encontrado. Talvez seja por esse motivo que várias histórias terminam mal acabadas, afinal todo o tempo gasto nessa busca foi em vão, e o que sobrou foi um ser vazio e sem nada.

A verdade é que não precisamos disso, a vida é boa mesmo quando estamos sozinhos e tudo que se aprecia com outros também é lindo por si só. Não é necessário ninguém ao seu lado pra dizer o quão incrível você é, basta olhar pra frente quando se está no espelho e ter coragem de abrir os olhos. Mas, assim como Vygotsky dizia, o meio influencia, não à toa que, por mais incrível que uma pessoa seja, se suas relações a diminuem, a sua decadência sai do imaginário dos cruéis e se torna realidade. Entretanto, quando se está rodeado de amores, a vida se torna mais fácil e se amar já não é mais um problema. Infelizmente, isso é uma realidade impossível para algumas pessoas, que mesmo que se esforcem nunca serão boas o suficiente.

Muitas vezes me pego pensando se vale a pena seguir a minha vida como bem quero, mesmo que vá contra tudo que me propõem ser o meu destino. Levantar sem se sentir bem com você é algo que não desejo nem ao meu maior inimigo, afinal pior que sentir desgosto de alguém, é sentir desgosto de si mesmo. Não se reconhecer é corrosivo e destrói aos poucos, quando se dá conta já se foi. É invejável a felicidade de quem se ama, de quem dança, pula e sorri, pois são ricos e amados muito além do que se pode materializar. Ao fim de cada dia sobrevivido, deitar no leito e chorar por pensar demais é a única saída possível do túnel da humilhação e ignorância suportadas, e parece também a única maneira de escutar e entender a si mesmo.

É verdade que dizem que a base dos relacionamentos são as conversas, o que explica muita coisa, já que quem não se entende é quem não conversa. Conheci muitas pessoas que eram famosas por não serem o que são, esquisitas e deixadas de lado, não se ouviam para serem entendidas. Cresci e as vejo, elas mudaram e melhoraram, estão incríveis, mas eu não. Sempre é possível ouvir gritos mudos ao fundo, irreconhecíveis, talvez abafados. O que os abafa? Não sei, e sinto que não quero saber. A realidade pode se tornar mais triste do que já é, logo, não arrisque.

Minha mãe sempre diz para não me meter em encenças, mas sempre fui atrevido. A vida poderia ser hipoteticamente mais leve se a comunicação parental fosse mais clara, complicar sempre é uma péssima opção. A necessidade de alguém superior a você por controle é irracional, em que uma conversa de igual para igual acaba por se tornar

briga e posteriormente desconfiança. Filho que não ama o pai é ruim, mas pai que não dá a mínima para seu descendente chega a ser indecente.

Seguindo a jornada em busca do afeto, já se percebe que não há íntimo afeto nem paternal afeto, só nos resta sentar e esperar estrangeiro afeto, que complete a imensidão do vazio. Sem rumo anda e espera pela bênção, como um vulto que precisa ser acertado com uma flecha para que fique. Mas ele puxa, empurra, e no fim não vem, tudo é inútil e no combo há humilhação e troco. A viagem acabou. Acabou sem nada, sem rumo, não se dorme nem sente, mas está sem comida ou água. Há apenas o vácuo, que sufoca e comprime até a inexistência.

Moça do olhar caído

Caroline Emanuele

Com fome, você sabe que eu vou voltar.
É isso que eu faço, eu volto pra me alimentar.
Se é isso que você tem a dizer, fique calada.
Você sabe que não faz por merecer.
Por nada mais parece se silenciar!
Cansada, senhora, cansada desse seu olhar.
Cale-se, cale-se sem questionar.
Dançando ao redor, tudo parece brilhar.
Eu olho nos olhos dele,
você sabe que eu não quero chorar.
Me abrace, não se dê ao luxo de se conter.
Meu corpo gira, me leve ao enlouquecer.
Me corte, me sirva em um banquete,
me segure em seus braços, esconda entre os dentes,
me leve pra longe, me faça desaparecer,
me esconda, moça petulante, só não me deixe ceder.

Sobre uma decepção

Emile Arruda

Era como estar na superfície de um imenso rio de aventuras, e de repente, ser puxada para dentro dele. Apreendi coisas novas, sorri, chorei, e tudo que eu jamais imaginei, eu experimentei. Cada momento que passei, um pedaço de mim deixei, uma parte de quem eu sou e de quem eu era, para assim me reconstruir novamente.

Mas quando as águas turvas pareciam se acalmar, uma avalanche de sensações novas me pegou desprevenida. E quando parecia estar no fim, você foi sutil com poucas palavras, mas que pesaram como mil facas em mim. Tudo passou rápido, mas eu confesso que sigo machucada com a esperança de esquecer esse caos junto com os rastros de desastre que você deixou. Sei que parece estúpido da minha parte agir como se você fosse o mundo para mim, sendo que você não é, mas fazia parte dele.

Te vi como alguém em quem podia confiar, me expressar, ser apenas eu... É sufocante pensar que você agiu como se eu fosse um poço onde você pode jogar suas frustrações. Te ver sentado ao meu lado, como se você não fosse o causador de todo aquele desastre, fazia os dias parecerem nunca ter fim, enquanto você me condenava com seu silêncio, prolongando essa dor que parece não ter fim e frustrando meus únicos resquícios de esperança nessa tragédia. A tragédia que tirou a ternura do teu olhar, a paixão que eu pensei haver no seu coração e a honestidade que

você parecia ter, deixando apenas o que um dia foi alguém sincero.

Eu fui sua assassina? Como eu poderia ser, se quem me matou lentamente, me deixando com esse amargo e essa angústia no coração, foi você. Talvez, meu erro fosse querer trazer a paz para o coração de alguém que está constantemente em guerra.

Verbete, relacionamento

Helena Galuch

Relacionamento: substantivo masculino, ato ou efeito de ter uma ligação afetiva entre pessoas com o mesmo interesse e/ou objetivos, capacidade de conviver bem com seus semelhantes.

Então por que eu não consigo? Então por que esse ato tão comum, tão banal, para mim é difícil?

Desde que me conheço por gente, tenho dificuldade em manter relacionamentos. Os mais longos sempre acabam de maneira ruim; se não, eu acabo ficando cada vez mais longe das pessoas. Isso é tão constante, será que é apenas comigo? Não, não, todos têm problemas com relacionamentos, amorosos ou não. Essa incerteza e medo de ser abandonada aos poucos foi se transformando em indiferença.

Indiferença: substantivo feminino, falta de interesse, de atenção, de cuidado.

Esse sentimento acabou levando a um bloqueio emocional. Pessoas saindo, voltando ou entrando na minha vida não faziam diferença, afinal, pessoas são fases, vêm e vão. Não vale a pena sofrer com o abandono delas: se querem ir embora, então vão logo, não tentem me manipular para sofrer, eu não irei. Talvez tudo isso tenha ocasionado uma vida mais solitária, mas a necessidade de ter alguém próximo sempre voltava.

Momentos bons vinham e iam, então chegou aquela pessoa. A pessoa com quem eu me sentia bem, que não imaginava perder de maneira alguma, que não queria perder. Estar com ela me faz bem, mas tão bem, que ainda é um sonho.

Conforto: substantivo masculino, ato ou efeito de confortar(-se).

É como eu estava me sentindo. Meu bloqueio não havia sumido ainda, mas suas paredes eram lentamente destruídas por aquela amizade, e então comecei a perceber que, apesar do problema ser eu, conseguiria superar aquilo e melhorar.

A pele que me habita

L. Tavares

Não gostava de passar em frente ao espelho, não gostava de tirar fotos, sentia-me estranha quando as pessoas olhavam para mim. Então decidi tomar uma decisão: com uma única faca de cozinha, arranquei minha pele. A cena não foi visceral ou dolorida, na verdade foi mais simples do que eu imaginava. Quando me dei conta, estava vendo meu próprio reflexo encarnado, ele estava ali como se fosse de fato uma pessoa comum, parado e me encarando fixamente.

Tentei ignorá-lo e sair para algum lugar, mas com isso me dei conta de uma coisa: não dá pra viver sem pele. Com essa triste decepção, tomei por conta que precisava resolver meus problemas de um jeito menos violento, acertar as contas como uma pessoa civilizada.

Ficamos algum tempo nos encarando fixamente, o Eu de dentro e o Eu de fora. Não sabia muito bem o que falar, e provavelmente não mudaria nada já que teoricamente o que estava na minha frente era apenas uma casca vazia. Depois de algum tempo encarando, comecei a não achar aquela aparência de todo ruim, conseguia olhar para uma coisa ou outra e de fato sentir que era agradável, talvez com o tempo até aprendesse a conviver melhor com isso.

Quando vesti de volta, minha pele parecia mais leve, como se tivesse me livrado de um fardo. Não era perfeito, mas me dava uma sensação muito melhor do que antes.

Conseguir me olhar no espelho sem sentir vontade de me esconder ou sumir. Muitos dizem que a beleza é uma questão de perspectiva, e acho que finalmente consegui achar uma para mim.

Vicioso

Letícia Ferreira

Se me ama,
Por que minha felicidade te corrói?
Se me ama,
Por que tudo o que tenho, você destrói?

Anseio por você, me moldo por você
Minha obsessão é tanta
Que aceito cada tapa
Com um olhar de esperança.

Cada palavra é um gole de veneno
Doce e cruel que queima minha garganta
Eu choro a cada gota
Você sequer se espanta.

Pegue a minha dor e transforme em ira

Pegue os meus sonhos e faça piada

Nós dois sabemos o que eu faria

Para apenas ser amada.

No final do dia, você é você.

Mas e eu, quem sou?

Alguém que existe

E que você impede de viver.

O dia que contei uma história para o céu

Lourdes Haydeé

Um dia contei uma história para o céu.

Esta história não começa com “era uma vez”. Não tem uma princesa adormecida à espera de um príncipe encantado. Do meu ponto de vista, o mundo sempre foi meio quadrado, não existe certo ou errado. Eu não vejo as coisas em preto e branco, mas em tons de cinza que a maioria das pessoas não enxerga.

Eu cresci presa no meu próprio mundo. Orgulhosa e individualista, durante muito tempo me senti incapaz de amar alguém além de mim mesma. Minhas histórias eram reflexos dos meus sonhos e pesadelos. Cada vez que me sentia sozinha, cada vez que sufocava meu choro porque sabia que ninguém se importaria, cada vez que afastava alguém com medo de acabar me machucando. Não havia sentimento bom que durasse muito comigo.

Minha relação comigo mesma nunca foi das melhores, sempre repetindo as mesmas coisas para lembrar que eu podia fazer melhor. Foto. Sorria para a foto. Fique ao lado deles, seja a boa amiga, a boa filha. Todos acham que sua vida é perfeita, não deixe que vejam o que acontece atrás das cortinas da sua casa de bonecas. Achava que ninguém estaria disposto a ouvir o que eu tinha para dizer, por isso contei minha história para o céu.

Nascida no dia de Fors Fortuna, o festival da deusa da sorte romana, sentia que a sorte nunca tinha sido minha aliada. Então, de repente, depois de dezesseis anos, as muralhas de pedra que eu havia construído ao meu redor foram derrubadas, não por força bruta, mas por um abraço, um sorriso sincero.

Derrubadas por gente que se importava o bastante para perguntar se eu estava bem, por gente que se importava com o que eu sentia.

Eu era boa, não perfeita. Não era o suficiente. Elogios nunca me pareceram sinceros, mas e se fossem? É preciso ter coragem para confiar em alguém, assim como é preciso ter coragem para escrever uma história, mas eu não me sentia corajosa, por isso contei minha história para o céu.

Fabricada, costurada, igual a uma boneca de pano. Era assim que eu me via. Era assim que eu tinha que ser. Eu penso, mas será que eu realmente existo? Em um ano, conheci pessoas que me viram mais vulnerável do que muita gente que eu conhecia há uma vida inteira. Mostrei o meu pior lado, e eles me mostraram como se importavam comigo da mesma forma.

Eu sei que a minha história não é uma história para crianças, porque pessoas boas não morrem em livros infantis. A história que eu contei para o céu não era uma história feliz, mas também não era triste. Tinha tragédia, mas também tinha amor. Não era uma história de amor,

era uma história sobre o amor. Era a minha história, um pedaço de mim. Uma história para mostrar que eu não sou a filha perfeita, não sou a aluna perfeita, não sou a amiga perfeita. Eu simplesmente, sou.

E é a minha história que eu quero contar, para quem estiver disposto a me ouvir. Então um dia, contei a minha história para o céu.

No dia seguinte, amanheceu chovendo.

Ao menos... o quê?

Luiz Gustavo

Para começar esta história, um “era uma vez” seria o clichê, mas não de um romance comum entre dois adolescentes caucasianos “americanos”. É sim a história de dois adolescentes americanos, só que de uma América mais meridional.

Tudo começa no ensino médio, num momento tão hostil quanto o primeiro dia de aula, numa escola nova, pessoas desconhecidas, um sentimento de que todos se conhecem, mas você não conhece ninguém, e é nesse cenário que está o nosso personagem Felipe Isaac, talvez não a melhor pessoa do mundo, e nem tenta ser.

Com o passar do tempo, Felipe começou a ver que a vida não é como achava até então, que a infância já passou e que os sentimentos estão mais aflorados, se expressando de formas diferentes, e qual o porquê disso? Ele conheceu uma garota, Flávia Isadora, aos seus olhos a mais bonita que já viu em toda a sua curta vida. Ajudado pelo destino, ele consegue contato com ela depois de perder uma lapiseira e encontrar nas mãos dela. “Ela é o amor da minha vida!”, exclamação aos amigos durante um almoço. Mal sabia Felipe que o amor da sua vida também tem um amor da vida, e não é ele.

Envolto por amor, paixão (e talvez desejo), Felipe seguiu todo um roteiro com Flávia, utilizando tudo que podia lhe ajudar, seja um comentário em uma publicação em uma rede social, um ensaio de conversa, assistindo-a

a terminar seu relacionamento com outro alguém, que já não importava para ela, fazendo-o acreditar que o seu amor fosse recíproco. Estudando juntos e vivendo um amor adolescente que aos olhos dele era algo tão incrível que o levou a pensar que se “alguém me olha assim, não é possível que não seja amor”. Entretanto, isso não é sobre um amor verdadeiro e uma história perfeita que resultaria num casamento. Depois de tanto tempo vivendo uma utopia amorosa, Felipe teve o primeiro de vários choques de realidade.

Num dia qualquer, que não era um dia qualquer - o seu aniversário -, Felipe se deparou com Flávia dizendo que não queria conversar com ele nunca mais. Ele achava que era uma brincadeira, mesmo que ela não fosse de fazer brincadeiras. NÃO ERA! E lá se foram dias e dias sem interações, depois dos quais ela resolveu conversar e falar com uma verdade. Eles se resolvem e fica tudo bem, mas vem outro choque, e mais outro, e de novo, sempre mais traumático que o anterior, e depois de tudo isso Felipe percebeu que o amor era unilateral, mas ao menos ele viveu feliz com ela. Ele percebe que não era feliz, ele apenas se enganava e era enganado por ela.

Essa não é uma história de amor, essa é uma história de um relacionamento de duas pessoas imaturas emocionalmente: uma delas pensa que vive um romance que levaria para vida como em um livro do gênero, a outro que, vendo isso, usa todo esse “amor” ingênuo para satisfazer as suas tristezas e aumentar seu ego, mas ao menos eles foram felizes, não é!? Não! Eles ainda nem sabem o que é felicidade.

Relacionamentos

Nicolas Emanuel

Dói não ter vocês para rir por coisas tão idiotas. Saudades de não me preocupar com tudo, não ter que sentir isso todos os dias.

Saudades de não ter que os ouvir falar sobre como estão decepcionados comigo, mas escolhi o relacionamento ao invés d’Os Lusíadas, mesmo sendo como uma faca enferrujada, ainda o fiz. Quero ser eu de novo, ter as mesmas relações de antes, mas o tempo, o maior dos assassinos, também assassinou esses relacionamentos e feriu os restantes. Maldito ferro que enferruja, maldito “para sempre” que acaba, maldito “te vejo amanhã”, tal amanhã que nunca mais voltou.

Aquilo que era pra ser bom é o que mais machuca, aquilo que era pra ser calmo é como um terremoto em uma estação tranquila.

Tantos relacionamentos... para, ao fim, não ter o único que realmente importa: o consigo mesmo.

Laços de Víbora

Paula Patrícia

Escolhas são feitas sem pensar, como aprendemos a respirar, era o que habitava em minha mente nos momentos mais lunáticos de “apenas uma jovem”. Turbilhões de pensamentos juvenis diziam que éramos apenas nós, folhas de outono que caem a fim de nascerem novas na estação da primavera.

Quadros de minha vida que estavam iluminados pela grande auréola de desesperança sentiram um brilho mais forte, o filho da luz havia dito que eu seria forte, e tudo estava claro: “eu sou brilhante”. Apenas lágrimas cobertas por um abraço gentil, que nem de meus pais receberia. Aprendi o verdadeiro se importar, cuidar, talvez... amar?

Eu realmente aprendi o sentimento, preso em jarra de vidro que você quebrou com tanta força que fez sangrar. Eu te amaria intensamente como nunca me amei? Ofereci tudo que estava reservado em minha alma e não foi o suficiente? Proporcionei tudo além do que eu realmente queria, não é o bastante? Você deveria ter parado quando pedi, mas agora dúvidas tomaram conta do meu ser. Quem somos agora? Eu não me pertenço mais, estou envenenada

para toda eternidade, pois tiraste tudo o que eu tinha, até o que não tive.

Eu realmente aprendi o sentimento - hahaha, que sentimento? - Ódio? Amor? Nojo? Aprendi a me odiar como nunca te odiei. Quem sou eu? Quando percebi era muito tarde, mas a necessidade de um conforto falava mais alto: isso é um adeus. O fim pode parecer assustador, mas não foi uma ameaça, era necessidade, quando se ama deixa partir. Estava certa de que a manipulação já estava em meu corpo por inteiro.

Quando eu iria embora, tu fizeste de vítima tua própria vida, nem por meses mais seria capaz de suportar. Irei ter meu descanso? Adeus, não apenas a ti como a mim mesmo, não simpatizo com víboras. A faca que foi cravada em sua alma foi sentida em meu peito, em que lentamente bateria um coração que se apagaria de pouco em pouco, sem luz caída no chão.

Foram escolhas mal pensadas. Não lembro mais quem nós fomos um dia, e tá tudo bem. Laços de víboras hipnotizam e envolvem seu pescoço. Como antigamente, já estava sem luz para enxergar um caminho para largar desse sufoco. Enquanto pela superfície está claro e iluminado, minha mente ainda pede no fundo por socorro.

Surpresa, meu amor

Poliana Fonseca

Às vezes me sinto como um estranho, um estranho em uma casa totalmente fria e estranha, com várias pessoas estranhas dentro dela também.

Até eu me tocar que esses estranhos estavam desaparecendo dessa casa como fumaça, saindo de seus próprios corpos, deixando-os jogados por toda parte dessa casa.

De repente me vejo sem saída, me vejo sozinho e com medo, e sem nenhum pinga de alegria em meus olhos, a alegria que eu sentia com ela no início de tudo.

E em um piscar de olhos, vejo ela em minha frente, e o pavor e o desespero tomam conta de mim enquanto ela profere a seguinte frase “surpresa, meu amor”.

Relação entre estranhos

S. Mamud

Existem vários tipos de relação entre as pessoas, mas o que resta de um relacionamento acabado?

O que diferencia estranhos de estranhos? Laços invisíveis.

Fazer parte da história de alguém que, agora, evita fazer contato visual com você sempre que te vê passando.

Nos caminhos estreitos dos corredores da sua escola, no piso do refeitório da faculdade, entre as estantes da biblioteca da cidade, até dentro da sua casa.

Lembrar da pessoa que te mandava mensagem todos os dias, desde “Bom dia!” até a célebre mensagem do “Isso me lembrou de você :)”.

Momentos compartilhados - Complicados, alegres, desesperançosos, Momentos de recomeço.

Mesmo sem conversas, existem coisas que te lembram dessa pessoa todos os dias.

Você digita “Isso me lembrou de você!”.

Você pensa duas vezes.

...

Você recorda.

Que pena, você não pode mandar mensagem para um estranho. Seria estranho, sabe?

De repente, tudo volta ao preto e branco somado ao amargor de desconhecer alguém familiar.

A linha tracejada ao redor da silhueta daquele estranho te obriga a fingir que ele não existe, e falha miseravelmente.

Porque ele existe, existe dentro de você e, quanto mais você finge que não, mais presente ele é.

Ele é aquele capítulo especial do seu livro, aquele que você gosta de ler e reler sempre que bate saudade. Você sabe que não adianta rasgar as páginas, não adianta evitar.

Essa pessoa ainda existe, e você ainda sente falta dela.

Todavia, aquele ainda é seu livro favorito e, mesmo que aquele capítulo tenha acabado, ele ainda é especial para você.

A graça de ter capítulos especiais é a beleza de frases sublinhadas e páginas destacadas com post-its.

Mas acima de qualquer coisa, o conteúdo lido sempre vai ser o que fica no seu coração, mesmo que o tempo passe.

Você nunca vai desler o livro. Isso é fato.

Aquela capa jamais será esquecida.

E também é assim com o estranho.

Mesmo que no fundo, ele não seja tão estranho assim.

É, ele nunca vai ser um estranho.

E você sabe disso.

Você sabe de qual “estranho” eu estou falando.

...

“Isso me lembrou de você”.

Sem medo

Victor Hugo Cortez

preciso avisar as estrelas
que amor não irá sair
dentro do imaginário
os toques são feitos de
homem sem boca
sem choro sem nenhuma
música já pronta
guardar seria a
solução da enorme
questão do mundo
deixar seria a
fuga da realidade que
é sem nenhum afeto
olhar seria a geometria
e a ciência do universo colidindo
como podes prender
tanta palavra amarrada?

a garganta solta fogo
posso fazer do poeta
dos rios cor de âmbar
das conchas se juntando
o meu sonho materializado?
talvez ainda seja a falta
a distância de mim mesmo
que falta para entender
que a solidão arranha?
é mazela, sou eu no
fundo do corredor
que grito querendo que
chame a mãe-do-mundo
porque a vida é grande
é véu grande que cobre
a esperança que sobrou
do menino que queria
ser poeta
disse à sereia que a
alucinação é escape para

um mundo melhor
os homens mentem
batem boca, batem o
dente contra o dente
quem sou?
não, a pergunta é:
para quê uso a minha boca?
dois ouvidos e uma boca
sou pequeno demais
para entender onde devo
ficar, com quem devo
dirigir, para quem devo
escrever as palavras
o esquecimento me faz de tolo
coisas fazem sangue pingar
o azulejo mancha, a blusa branca
que fora comprada
era apenas um olhar, mas sou
eu querendo dizer
que o (a)mar sempre

foi grande demais para mim
posso fazer desse momento
memória intensa?
sei que não devo contar
com as mudanças mas
espero que os teus olhos
virem rios
deixa eu viver vida de
menino-sem-medo?
pular na água sem olhar
o fundo da piscina
posso contar com
os olhares que se encontram?
posso contar com os mindinhos
que viram um laço só?
disse que a vida seria viver
sem blocos sem desmontes
onde deixei aquele papel escrito?
onde deixei a chave da casa de trás?
onde deixei aquele baú de cartas?

onde deixei aquele colar enferrujado?
passa e escurece e perde e descama
onde deixei o deleite?
aperta o sapato, o cinto
aperta os olhos até estes
explodirem
me visto com cores tão
sonhadas e distantes
que queria eu poder
dizer que é real
sem o nada sendo nada
e sim o nada sendo algo a se
dizer em voz alta
por que que quando a gente tem
na posse e no domínio
todo um tédio todo uma
possibilidade
de mudar o curso
de uma teia feita de futuros
prolongamos para um outro

ano um outro acaso uma
outra chance
o que podia fazer a gente
mudar os olhos
por outros mais brilhantes?
é que nessa forma sem forma
líquida demais feito mercúrio
que projeto com unhas e dentes
não tem eu

Passatempo

Vitória Lorena

O que é a amizade?
Será uma forma de relação de afeto?
Ou então um laço platônico do destino?
Talvez os dois, ou apenas um,
Ou então nenhum
E se no final for algo que ninguém pensa?
Como ela começa?
Isso é que é estranho sobre ela
Não há regras sobre como começá-la
Simplesmente, acontece.
Pode ser com uma briga,
Ou com um celular esquecido no banheiro,
Ou então desde o nascimento.
Provavelmente, é por isso que ela é o que é,
Complexa.
Sempre diferente, afinal, não somos iguais
Ela às vezes cresce rapidamente,

Outras lenta como uma lesma,
Mas seu fim já está decretado.
Como se fosse feita de papel
Ela se desmancha,
E o que sobra?
Apenas as memórias.
Como ela acaba?
Quando se quer mudar,
Logo a distância aumenta.
Nada é eterno, tudo é temporário
Por isso, é bom ser ignorante às vezes,
A amizade acaba de tantas formas,
Seja com o tempo ou com a ignorância.
No fim, os seus “conhecidos”
Te atravessam como meros fantasmas.
Mesmo que se saiba que vai acabar
Não quer dizer que não dói,
Que não machuca, não deixa marcas.
Saber, nunca vai aliviar a dor da perda

As memórias ficam num tom agri-doce
Você sente como se tudo
Tivesse sido um passatempo,
O mais emocionante e diferente de todos.

As coisas mudam

Ynes Maciel Braz

As coisas mudam?

Eu lembro quando tudo começou

Eu lembro quando ainda não os conhecia

Mas hoje eu não consigo me ver sem eles

Eu lembro como a gente brigou pela primeira vez

E de repente tudo mudou do começo pra cá

Será que dá para voltar no tempo?

Quando ainda ríamos feito criança

Quando todos os dias havia uma piada nova?

Por que tudo tem que mudar?

Por que não pode permanecer o mesmo?

As coisas mudam

As amizades mudam

As relações mudam

Um dia eu tô falando com ela

E no outro somos como estranhas

E todos os momentos bons que tivemos... para onde foram?

E todas as risadas... para onde foram?
Só me restam memórias
Só me restam lembranças do que um dia foi algo
Do que um dia foi uma amizade
Do que um dia foi um relacionamento
Quando o sol não brilhar
Eu ainda vou lembrar de tudo que eu vivi
É... As coisas mudam.

Este livro foi produzido e impresso em outubro de 2025.
Capa e miolo elaborados pela Fundação Matias Machline.

